

SOBRE O NÃO FUTURO DA HUMANIDADE NO PLANETA TERRA

Alexsandro Elias ARBAROTTI¹

DANOWSKI, D. VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** ensaios sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014a.

Nos meios de comunicação é comum notícias sobre secas em determinados lugares e excesso de chuvas em outros; ondas de calor seguidas por frios recordes e, mais recentemente, o maior furacão já registrado na história. As justificativas, seguidas dessas notícias, afirmam que são mudanças causadas por conta do aquecimento global – fruto dos desmatamentos, extração de minérios e emissão de CO₂.

É olhando para esse cenário que Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro se perguntaram: *Há mundo por vir?* A tentativa de compreender a questão, mais que dar uma resposta, apareceu em forma de livro no ano de 2014a. O livro, que trás a pergunta como título, é dotado de grande densidade sociológica, antropológica e filosófica, harmonicamente articulada com dados científicos e a percepção de comunidades indígenas da já vivida e sentida crise ambiental. Crise que coloca em xeque a continuidade da existência humana na terra – e com o subtítulo do livro, *ensaios sobre os medos e os fins*, os autores indicam a linha argumentativa do livro: os discursos atuais sobre o fim do mundo, quer científicos, quer de comunidades indígenas.

Assim, a primeira frase do livro faz o leitor titubear por alguns instantes: “O fim do mundo é um tema aparentemente interminável – pelo menos é claro, até que ele aconteça” (p.11). Talvez seja por conta dessa sensação que Bruno Latour, que escreve a orelha do livro, adverte o leitor da seguinte forma: “Este livro deve ser lido como se toma uma ducha gelada. Para nos acostumarmos. Para nos prepararmos. Esperando o pior”.

Esperar o pior, no entanto, não é um exagero, pois os autores do livro defendem que a eminência do fim da aventura humana no planeta terra nunca esteve tão próxima, pois, desde os anos de 1990, se acumulam análises científicas a respeito das transformações em curso do regime termo dinâmico do planeta e as possibilidades catastróficas. E é recorrendo a um grande repertório que os autores buscam mostrar pragmaticamente que vivemos um momento histórico em que *a ausência de futuro já começou*. Um período ontologicamente mais

¹ Bolsista FAPESP. Doutorando em Sociologia. UFSCar - Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas - Pós-Graduação em Sociologia. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 - arbarotti@gmail.com

complexo do que já fora experimentado, visto que está relacionado intimamente com a agência humana no Sistema Terra. Justamente por isso esse período é denominado de *Antropoceno* – conceito criado pelo químico, prêmio Nobel, Paul Crutzen, que indica uma época geológica, que substitui o período *Holoceno*, e que constitui o presente. Todavia o Antropoceno tem revelado um presente sem porvir, passivo e “portador de um karma geofísico que está *inteiramente fora de nosso alcance anular*” (p.12, grifo nosso). Isto é, existe uma situação inédita para a modernidade, *a ausência de escolha*, pois o “*no future*” do movimento punk está subitamente revitalizado e é iminente.

Usando do recurso da sétima arte, Danowski e Viveiros de Castro, comparam esse momento com o filme de Lars Von Trier, *Melancolia*. No Filme um planeta irá se chocar com a terra e não há o que se possa fazer, pois a destruição é inevitável. E a saída encontrada pela protagonista do filme não se dirige a elementos da modernidade e da técnica, mas sim a uma cabana (indígena, porque não) – se remetendo a um ritual inútil e desesperado da inevitabilidade do choque.

O fim, todavia, anunciado pelos autores para o nosso tempo não é o da destruição material do planeta terra, ou de Gaia, mas de um modo de *ser* e *estar* de grande parte da humanidade no mundo – instaurado com o choque do planta *Mercadoria* na América, em 1492. Esse choque representou o início da instauração de um período de destruição da diversidade cultural e epistemológica, em prol de um projeto de mundo padronizado, saturado de objetos inúteis, alimentado à custa de pesticidas e agrotóxicos e da miséria alheia.

E aqui o paradoxo é posto, a ruína da civilização atual se dará em virtude de sua hegemonia, baseada no crescimento constante a custas do consumo de energias poluentes como petróleo, gás e carvão mineral. E o resultado do uso excessivo dessas fontes é um desequilíbrio energético no Sistema Terra, causado pelo acúmulo de gases de efeito estufa. Para se ter uma ideia, segundo James Hansen – pesquisador e militante norte americano no tema das mudanças climáticas – o calor que se acumula diariamente nos reservatórios do planeta, oceanos, geleiras e terra, equivale a quantidade de calor emitida pela explosão de quatro bombas atômicas de Hiroshima. E, com isso, os processos biofísicos do “Sistema Terra” são diretamente afetados – provocando acidificação dos oceanos, depleção do ozônio estratosférico, perda da diversidade, interferência nos ciclos globais de nitrogênio e fósforo, mudança no uso do solo e outras coisas mais que, segundo, Danowski e Viveiros de Castro, não permitirão a vida de diversas espécies no planeta, inclusive a humana.

Nestes termos, seria possível pensar na intrusão de Gaia? O planeta e a natureza, vista pela modernidade somente como um ente passivo a ser explorado, teria começado o contra-

ataque? Gaia é uma ameaça urgente e global? A pachamama, dos povos ameríndios, vista como a mãe que nutre e dá a vida teria virado as costas para seus filhos? Essas são questões que os autores trazem a tona para mostrar o momento limítrofe que vivemos.

E assim, o ponto que surge, diante desse cenário, é pensar estratégias e arenas onde essas constatações possam ser levadas em conta, debatidas e aproveitadas para elaborar maneiras de superar o modelo de *superdesenvolvimento* que levará, com certeza, a impossibilidade da vida em Gaia. É a proposta colocada pelos autores, em entrevista sobre o livro ao jornal *El país*, afirmando a necessidade de deslocar o conceito de desenvolvimento ao dirigir os olhares para os países *superdesenvolvidos* ou *excessivamente desenvolvidos*. Esse deslocamento, segundo os autores, permitiria trazer a tona um modelo de desenvolvimento não ligado estritamente ao binômio: crescimento econômico igual saída da pobreza, pois esse modelo em si, é dotado de um grande dilema,

Nunca ninguém falou que existem países superdesenvolvidos, isto é, excessivamente desenvolvidos. É o caso dos Estados Unidos, onde um cidadão americano médio gasta o equivalente a 32 cidadãos do Quênia ou da Etiópia. A relação que sempre se faz é que, para tirar as populações da pobreza, é preciso crescer economicamente. E aí você tem um dilema: se você cresce economicamente, com uso crescente de energia fortemente poluente, como petróleo e carvão, nós vamos destruir o planeta (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014b).

Diante disso, uma proposta que pode ser elaborada é de se livrar do fundamento da economia capitalista, edificada em somente produzir riqueza, para um modelo onde o principal seja a distribuição da riqueza existente, algo, visto por Danowski e Viveiros de Castro, como uma possibilidade mais racional. Até mesmo porque, na sequência da entrevista, os autores lançam críticas ao modelo capitalista, pois ele

[...] é uma máquina de fazer pobres. Inclusive na Europa. Os pobres não estão aqui, só. O pobre é parte integrante do sistema de crescimento. As pessoas acham que o crescimento diminui a pobreza. O crescimento, na verdade, produz e reproduz a pobreza. Na medida em que ele tira gente da pobreza, ele tem que criar outros pobres no lugar (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014b).

E pensando arenas para se discutir temas e propostas para se fugir desse processo desenvolvimentista, colocadas pelos autores, vale ressaltar um grandioso evento, programado para dezembro do ano de 2015, que se propõe tocar a fundo nas ações práticas em relação ao clima no mundo. A Conferência do Clima, em Paris, pretende reunir cerca de 50 mil pessoas

de mais de 95 nações com o objetivo de firmar um pacto, através da ONU, para combater as transformações pelas quais passa o clima mundial. O objetivo da 21ª Conferência do Clima (COP 21) é costurar um novo acordo entre os países para diminuir a emissão de gases de efeito estufa – ou seja, repensar o modo de produção baseado na energia e da necessidade constante de crescimento para, então, iniciar um processo de mitigação dos efeitos da crise, buscando diminuir o aquecimento global e em consequência limitar o aumento da temperatura global em 2°C até 2100.

Entretanto, a despeito desse grandioso evento alguns questionamentos merecem serem feitos: depois de vários encontros e conferências, em que os resultados não foram satisfatórios, é possível esperar alguma ação significativa e alguma proposta objetiva de intervenção? Será que podemos esperar dessa conferência uma proposta que se posicione de forma crítica ao atual modelo de produção da economia capitalista, ao estilo de vida consumista e de abuso do uso dos bens naturais? Será que haverá espaço para uma proposta que coloque em xeque o atual modelo que visa somente o desenvolvimento, sem pensar na distribuição da riqueza? As respostas são incertas, para um futuro incerto.

Mas voltando ao livro, as possibilidades vistas como potentes para os autores, não passam pelos chefes de estado, pois estes, muitas vezes, estão comprometidos economicamente e politicamente com grandes corporações que não pretendem ver seus lucros diminuídos. As alternativas, dessa forma, se apresentam nas comunidades do mundo que ainda conservam uma relação com o mundo material em outros moldes – onde o Estado é até dispensado e a terra é vista como parte integrante da organização social e tida como local de onde emana a autonomia política, econômica e social, a despeito da megamáquina do capitalismo de consumo e produção 24 horas por dia. Sociedades que não se preocupam com a possibilidade de um futuro melhor, mas que se baseiam no presente, e tentam fazer dele o melhor possível.

A alternativa, para escapar do paradoxo colocado pela ciência moderna, desse modo, seria olhar “[...] para todos nossos produtos e atividades, bons e maus, e observar as relações entre eles que são nossas próprias relações reais.” (WILLIANS, 2011, p.112). E com esse novo olhar, procurar proporcionar a possibilidade de se falar para além do Homem e da Natureza no singular, trazendo a tona novas ideias e sensibilidades para conhecer os variados modos de lidar com natureza, das mais diferentes culturas e sociabilidades. Um olhar que revele que a justiça social não é somente incorporar o pobre ao mercado de consumo, mas uma justiça social que conceda direitos e, acima de tudo, reconheça a diferença. Diferença presente nos indignos e, também, nos pequenos agricultores, que por terem um maior contato

com as plantas e os animais possuem outra sensibilidade ambiental e percebem as transformações do clima, ambiente e atmosfera de forma mais apurada.

Pois se de um lado existe a agricultura do agronegócio – pautada no modelo de crescimento e lucro, em que a terra se apresenta somente como um meio para se conseguir maior renda (valor de troca), não importa como, ou quanto de agrotóxicos usar, onde a relação não se dá diretamente com a terra, mas com o “dinheiro” (em sua forma virtual e futura) – pouco se importando para o clima e os danos a natureza. Por outro lado, ainda existe muitos pequenos agricultores, que possuem uma relação mais simbiótica com a terra (a percebendo como valor de uso), que já sentem essas mudanças no “Sistema Terra”, as alterações do clima e o quanto esses câmbios tem dificultado a produção de seus produtos. Aqui vale lembrar que é majoritariamente a pequena agricultura que produz os alimentos, isto é, as dificuldades dos pequenos agricultores podem atingir diretamente o abastecimento e o valor dos alimentos. O relato de uma agricultora familiar de 92 anos, que sempre viveu e trabalhou com a terra, aponta para essas já existentes dificuldade por conta dos regimes de chuvas. Diz ela,

Não está com cara de chuva não. Apesar que hoje em dia está tudo mudado. O tempo está igual a gente. Naquele tempo [de quando ela era jovem], eu fui criada na roça com meu pai, chovia dezembro, janeiro, fevereiro e março e depois parava. Ai ele sabia o dia certo de plantar: - Vamos plantar que vai chover! Hoje não, ninguém sabe o dia que vai chover, está tudo mudado, como a gente. (Depoimento, 2015).

Essa é a percepção, de alguém que viveu praticamente toda a sua vida no campo, lidando diretamente, junto com seus familiares, com a plantação e que hoje percebe que – feito as pessoas que estão bem mudadas em suas maneiras de se comportarem em comparação a época em que ela era jovem – o tempo, leia-se aqui os períodos de chuvas, de sol, de calor e de frio, atualmente estão bem alterados. Por conta dessa alteração o agricultor já não tem a segurança de dizer como seu pai dizia: “*Vamos plantar que vai chover!*”. O que resta hoje ao agricultor é arriscar ou elaborar outro tipo de estratégia para lidar com essas inconstâncias que dificultam a agricultura, como mostra Danowski e Viveiros de Castro ao afirmar que já experimentamos um caos temporal.

Assim, a fala dessa agricultora não é mera especulação, mas experiência relevada em seu cotidiano, que lhe informa que as pessoas mudaram, o tempo e as estações mudaram – ou como canta Renato Russo (1985), “Mudaram as estações. Nada Mudou. Mas eu sei que alguma coisa aconteceu, está tudo, assim, tão diferente.” Experimentação que faz com que a

agricultora formule um discurso apocalíptico, com bases em uma tradição judaico-cristã de catolicismo popular rural, sobre o futuro da humanidade e do mundo.

Eu acredito que como o mundo acabou a primeira vez com água, agora vai ser na seca. Ai não vai ter mais alimento e vai todo mundo morrer. Eu acredito que Deus vai fazer isso, vai acabar tudo seco, porque tem tanta poluição e veneno no céu que a chuva não consegue cair do céu. Porque até hoje ninguém descobriu como que a chuva cai do céu, é um mistério. (Depoimento, 2015).

Algo trabalhado pelos autores no livro, os discursos contemporâneos sobre o fim do mundo, que diferente de tempos passados, é mais eminente. Filosoficamente, a questão que se coloca é a do *ente* do qual o mundo é mundo – ou seja, o fim do mundo significará um “*mundo sem nós*” (o mundo depois do término da existência da espécie humana), ou um “*nós sem mundo*” (uma humanidade desmundializada ou desambientada após do fim do mundo).

Desta forma, a sensibilidade dessas comunidades estão indicando que as transformações da natureza estão ocorrendo em um ritmo muito acelerado, mais até do que as transformações do próprio capitalismo e a da sociedade. Mas como a natureza no capitalismo é um mero pano de fundo, onde a sociedade vai se transformando, esses elementos não são levados a sério. Por isso é necessário considerar o que essas comunidades e esse sujeitos estão percebendo e mudar os meios de produção e modo hegemônico de ser e estar no mundo. Essa seria a alternativa, colocada pelos autores: “Para imaginar o não fim do mundo, nós temos que imaginar o fim do capitalismo. [Caso contrário] o futuro nos reserva grandes acontecimentos ruins em termos de catástrofes climáticas, de fome, de seca [...]”. O que se coloca em jogo, nesse sentido, para Danowski e Viveiros de Castro é a possibilidade da ruína da civilização global que arrasará uma parcela considerável da população humana, pois é da natureza do colapso iminente atingir a todos de alguma forma.

E para finalizar, seguindo essa chave, os autores elaboram uma crítica pesada aos aceleracionistas, que pregam um superdesenvolvimento técnico para diminuir as horas e os dias trabalhados e, assim, nos levar ao “paraíso pós-industrial”, onde a tecnologia proverá. Proposta marcadamente pautada na ideia de progresso incessante. Algo impensável diante do momento histórico, que requer uma desaceleração do tempo. Momento de voltar a modelos de produção e de vida que reordenem profundamente essa proposta de evolução tecnológica das forças produtivas, em que se estabeleça “[...] uma conversação *literalmente* diplomática com os povos humanos e não humanos que observam ansiosos a chegada das consequências

implacável da irresponsabilidade dos modernos.” (p.154, grifo nosso). Deste modo, perceber que o mito contemporâneo mais perigoso é o mito da ciência e da técnica.

O fato é que vivemos e viveremos cada vez mais em um “Sistema Terra” radicalmente diminuído. E as linhas de fuga que se apresentam ao choque inevitável, segundo os autores, é a “figuração do Futuro” apresentada pelos coletivos ameríndios – que compreendem desde tribos indígenas à camponeses. Pois esses povos de Pachamama apresentam modos de vida mais integrados e possuem técnicas simples, mas abertas a agenciamentos sincréticos. Dessa forma, uma das chances de um mundo por vir está, em grande medida, nas resistências residuais dos povos relegados pela modernidade como atrasados. O futuro por vir já foi!

REFERÊNCIA

DANOWSKI, D. VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** ensaios sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014a.

_____. Diálogos sobre o fim do mundo. Entrevistadora Eliane Brum. **Jornal El País**, 29 sep. 2014b. Opinião. Disponível em:
<http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html>. Acesso em: 10 jan. 2015.

RUSSO, R. **Por enquanto**. Legião Urbana. [S.l.]: EMI, 1985.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011.